

CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DA IDENTIDADE DIGITAL: O CASO DE UMA COMUNIDADE DE INVESTIGADORES JUNIORES

Nuno Ricardo Oliveira, Laboratório de Educação a Distância e eLearning da Universidade Aberta,
nrloliveira@gmail.com
Lina Morgado, Universidade Aberta, lina.morgado@uab.pt

Resumo

Nos dias de hoje a web social é uma realidade massiva na pesquisa académica, o que leva a questionar a importância da presença digital dos investigadores juniores nesses meios informais e como se relacionam entre si. Com a evolução da internet surgem novos desafios, numa perspetiva de vivência social (web social) e académica. A imersão nestes ambientes digitais promove e sustenta o desenvolvimento de pedagogias abertas, com evidência para as interações entre os membros, salientando-se a forma colaborativa como interação num contexto de aprendizagem ao longo da vida. Assim, a web social permite o acesso aos conteúdos de investigação de outros investigadores de uma forma rápida e eficaz, partilhando conteúdos e colaborando com os outros especialistas. A evolução digital exige, igualmente, ao investigador, uma atualização constante, de forma a gerir o seu conhecimento digital, para uma vivência em rede, que exige uma série de competências relacionadas com a própria identidade digital do investigador.

Palavras-chave

Identidade Digital; Identidade em Rede; Investigador júnior; web social

Abstract

Today the social web is a massive reality in academic research, which leads to question the importance of the digital presence of researchers in these informal internet, new challenges are posed to researchers, both socially (social web) and academically. Immersion in these digital environments promotes the development of open research practices, with evidence of interactions between group members, stressing the collaborative way we interact in the context of learning throughout life. Thus, the social web allows to access the work of other researchers quickly and effectively, sharing content and collaborating with others specialists. Digital evolution also requires the researcher to constantly update in order to manage their digital knowledge for a networked experience that requires a series of competences related to the researcher's own digital identity.

Keywords

Digital Identity; Network Identity; PhD Researcher; web social.

Introdução

Na era digital, em que a utilização da Web social por parte dos investigadores juniores é uma realidade massiva, constitui uma necessidade ter a perceção da forma de pensar e agir em ambientes digitais informais e da sua relação com ambientes digitais formais. Entende-se por investigadores juniores, por exemplo estudantes integrados em programas de iniciação científica - mestrado e doutoramento. No caso dos investigadores, detentores de uma perspetiva de aprendizagem ao longo da vida, consideram os ambientes emergentes e informais como sendo meios pedagógicos, integrando diversas vivências em contextos diferentes e ubíquos. Assim, pretende-se conhecer o modo como se identificam nesses espaços online.

A Web Social

A Web social permite, no quotidiano, a partilha de interesses, recursos, pensamentos, hiperligações, insights, etc., mas o fundamental dessas interações é o enriquecimento a nível profissional, académico e pessoal (Weller, 2011). A imersão nestes ambientes digitais promove e sustenta o desenvolvimento de pedagogias abertas, com evidência para as interações entre os membros do grupo, salientando-se a abordagem colaborativa num contexto de aprendizagem ao longo da vida.

A Web nos dias de hoje permite-nos ter uma diversidade de interações através das plataformas digitais tendo acesso a um espaço social e de partilha sem fronteiras. Com a era digital vivenciamos um novo conceito social, com barreiras geográficas reduzidas e uma possibilidade de liberdade de expressão individual e coletiva.

Neste sentido, o que dantes era impensável - alguém do outro lado do planeta conhecer-nos, hoje é uma realidade ao alcance do teclado de qualquer dispositivo móvel com acesso à internet. Através de seis ligações da nossa rede, segundo a teoria dos seis graus de Milgram (1967), no máximo, poderemos “dar a volta ao planeta”, ou contactar qualquer pessoa do mundo, independentemente de onde estiver. Esta realidade conduz-nos a uma maior exposição com o que partilha e pelos espaços que “habitamos” online, ou seja, por aquilo que se convencionou como a pegada digital do indivíduo (Kligiené, 2012). A possibilidade de partilha está ao alcance de cada um, criando uma rede de partilha cada vez mais rica, que por sua vez vai permitindo a criação de um maior número de ligações e mais complexas. As características da Web Social motivam e facilitam a proliferação de ferramentas que permitem por exemplo, criar, editar, simular, comentar, partilhar texto, som, imagem e vídeo (Mota, 2009; Rodrigues & Beefun, 2012), ótimas para valorizar uma aprendizagem social colaborativa e aberta através da *Personal Learning Network* (PLN) (Oliveira & Morgado, 2015b). Estas práticas permitem a um investigador em formação aceder a conteúdos de investigação de outros investigadores/especialistas de uma forma rápida e eficaz, podendo tirar partido de uma partilha ou troca de informação com outros autores. A eficácia da web social reside nas oportunidades que oferece aos investigadores de se constituírem como autores de conhecimento e expandirem a sua Identidade Digital através de uma rede pessoal de contactos. Apesar das ferramentas digitais proporcionarem possibilidades de interação, a sua mais-valia encontra-se segundo Costa (2010) na possibilidade de potenciarem contextos de investigação eficazes e interativos de forma informal. A sua flexibilidade e adaptabilidade são a chave para uma aprendizagem ao longo da vida numa sociedade em rede (Costa, Keegan, & Attwell, 2009).

Estes ambientes digitais emergentes (Facebook, Twitter, ResearchGate e Academia.edu, entre outros) possuem características sociais e colaborativas, possibilitando acesso à excelência de áreas específicas de interesse, de investigação e podendo potenciar ideias inovadoras à escala global, através da partilha de recursos digitais e do desenvolvimento de boas práticas educativas, sem restrições

espaciais e temporais. As tecnologias digitais permitem criar a estrutura, definir as condições e construir as ferramentas adequadas para produção, gestão e disseminação dos conteúdos (Brown, 2002). A evolução digital exige, assim, ao investigador em formação a sua atualização, de forma a gerir o seu conhecimento digital, através das suas redes pessoais de aprendizagem (PLN), permitindo-lhe o contacto com novos conteúdos e uma aprendizagem ao longo da vida.

Identidade Digital

A construção da identidade ocorre através das reflexões e observações realizadas por um indivíduo em comparação com os seus pares. Esta realidade é composta por duas visões: pessoal (individual) e a social (coletiva), já que, como afirma Hall (2006), a identidade é formada e tem origem na interação que existe entre o “eu” e a sociedade. Mercer (1990) refere que a identidade só se torna uma questão quando está em crise, quando se vivencia a experiência da dúvida e da incerteza de quem se é.

Castells (1999, p. 22) entende “por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. A identidade constitui fonte de significado para o próprio ator e é construída por meio de um processo de individualização.

A pertença e a identidade para Bauman (2005) usufruem de uma solidez perpétua, mas num processo de uma transformação contínua. Assim, a identidade está em constante mudança devido a diversas fontes, sejam elas provocadas por terceiros ou acessíveis através do livre arbítrio do próprio. Este fenómeno humano fortalece-se pelo papel central que o indivíduo assume como portador de cultura, inteligência, biologicamente maduro e ligado a outros indivíduos na ação e sentimento coletivo.

A presença digital do investigador na Web e nas redes sociais deve orientar-se por uma Identidade Digital verdadeira. Apesar de ser um conceito relativamente

recente, deriva das ações que os investigadores desenvolvem nos espaços online, permitindo a construção de uma identidade que engloba a presença, a construção de conteúdos, aprendizagens e competências desenvolvidas ao longo da sua vida (Aresta, 2013; Figueiredo Rodrigues, 2014; Oliveira & Morgado, 2015b).

Assim, e de acordo com vários autores, a construção da Identidade Digital envolve os seguintes processos e ações do indivíduo: i) na autenticação que permite a validação da identidade do próprio no sistema digital; ii) no conteúdo que é partilhado pelo investigador com a sua rede através dos meios digitais que lhe permitem comunicar e interagir com os outros; iii) na presença que é validada pela partilha e divulgação dos conteúdos publicados; iv) na criação de perfis na Web Social; e por fim, v) na participação de cada elemento nos espaços online onde tem um perfil (Amichai-Hamburger, Zhao, Grasmuck, & Martin, 2008; Aresta, Pedro, Santos, & Moreira, 2013; Coiro, Knobel, Lankshear, & Leu, 2008; Greenhow & Robelia, 2009; Costa & Torres, 2011).

Com o fácil acesso à tecnologia aumenta a oportunidade e a possibilidade de uma maior exposição da vida do investigador, permitindo uma apresentação mais adequada da sua identidade. O espaço virtual permite-lhe escolher quem ele quer ser, como quer ser visto e com quem quer interagir academicamente, sem limites de normas e comportamentos impostos pela sociedade. Permite-se assim, a construção de novas formas de vida social, espaços para uma aprendizagem e uma nova forma de autoapresentação (Costa & Torres, 2011). Este conceito e forma de criar a sua identidade digital permite a cada um a construção de uma identidade que pode, em nada, ter a ver com a sua identidade real (Alvesson, Lee Ashcraft, & Thomas, 2008).

Há investigadores que pretendem diferenciar o seu perfil académico do seu perfil pessoal, criando dois perfis na mesma rede ou, então criar perfis nas redes sociais consoante os fins a atingir na mesma (exemplo: numa rede mais académica, apenas criam perfil académico e numa rede social, só criam um perfil de natureza mais pessoal). Na verdade, os investigadores usam as ferramentas da Web 2.0 e das

redes sociais como lhes é mais confortável, não existindo regras para a utilização desses ambientes.

Competências digitais para um perfil

As características da Web 2.0 e das redes sociais disponibilizam aos investigadores uma série de ferramentas que oferecem a possibilidade de interagir com os outros e publicar conteúdos de forma livre e espontânea. A produção colaborativa de conteúdos permite a criação de ideias inovadoras, impulsionando a inovação científica e tecnológica, dando, por conseguinte, ao investigador novas competências (Oliveira & Morgado, 2015b). Estas são conferidas pela literacia digital que vai adquirindo revelando-se a obtenção desta literacia digital o resultado da utilização criativa das tecnologias. Decorre, com efeito, da utilização tão crítica quanto criativa das ferramentas para satisfazer as suas necessidades pessoais, profissionais e académicas, bem como de um conhecimento da gestão dos espaços digitais públicos e privados que possibilitam a construção de uma identidade que permita conhecer o perfil e o percurso de cada investigador, integrando todas as dimensões: académicas, profissionais e pessoais (Aresta, 2013; Costa & Torres, 2011; Morgado, 2011).

Quando esta competência é adquirida e vai ao encontro das necessidades dos investigadores, a Web assume-se como um espaço favorável à participação e à interação, potenciando a construção duma identidade plena englobando toda a sua vivência, presença, aprendizagem, partilha de conteúdos e competências desenvolvidas ao longo da vida (Aresta et al., 2013; Oliveira & Morgado, 2017).

Assim, a Identidade Digital é como o agrupar de toda a informação referente ao investigador, publicada na Web. Aresta et al. (2013) num estudo realizado sobre uma plataforma integrada Web 2.0 (SAPO Campus) e nas interações de estudantes nessa plataforma, e também no Facebook e Twitter, procuraram caracterizar a identidade construída na rede e avaliar a sua importância enquanto manifestação e divulgação das competências. O estudo concluiu que existe em ambiente

académico, uma maior tendência para a partilha e uma participação mais académica enquanto nas redes sociais as partilhas e presença eram mais de âmbito social manifestando-se um grande controlo na gestão do que é publicado já que é levada em consideração a respetiva identidade pessoal. Quanto à importância da identidade online, o estudo demonstrou a sua importância e a relevância para os inquiridos da identidade online nomeadamente para questões profissionais e para demonstrar as competências digitais que dominam.

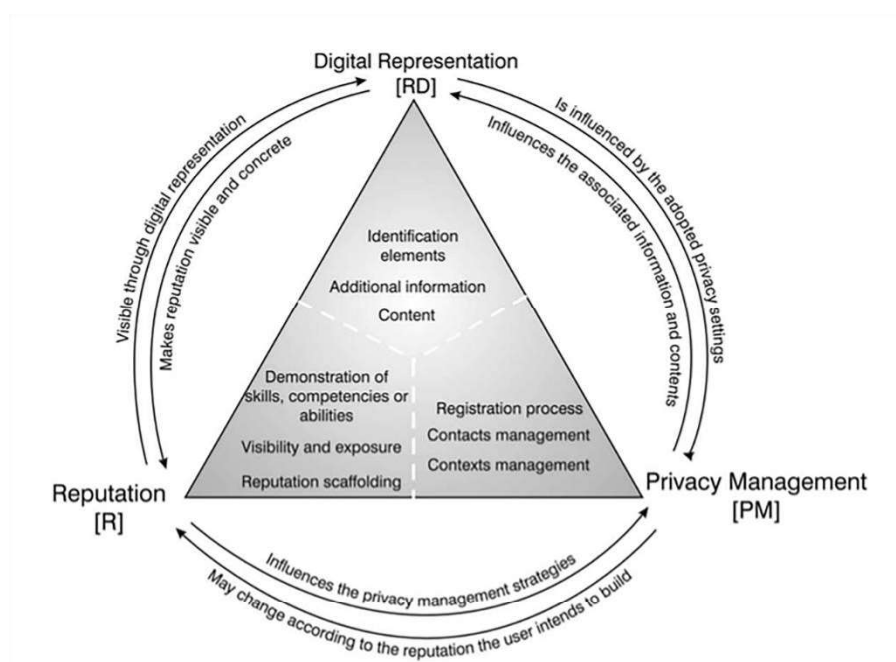


Figura 1. Dimensões do Modelo para a Análise da Identidade Online (M. Aresta et al., 2013, p. 1269)

O modelo para a análise da identidade online utilizado neste estudo triangulou a organização das diferentes dimensões, bem como as relações e associações que podem existir entre cada dimensão.

Com as dimensões do Modelo para a análise da Identidade Online os autores concluíram que existe a possibilidade de descrever dois perfis de identidade online: identidade orientada pelo contexto e a identidade orientada pelo utilizador. Na primeira, o indivíduo revê a seleção e produção dos conteúdos a publicar, de forma cuidada e criteriosamente, adequando o discurso e a partilha de conteúdo ao

contexto e à plataforma. Os autores ainda subdividiram esta dimensão em dois subgrupos: os que constroem uma identidade que assenta nas publicações de conteúdos que torna visível o indivíduo na rede, mas não revela muito sobre a sua identidade real; o subgrupo consiste naqueles que utilizam a rede de uma forma mais assumida e intencional tentando criar uma reputação a nível académico ou profissional. Relativamente à segunda, trata-se da utilização da rede como um espaço de divulgação de competências e construção de uma reputação profissional, havendo uma postura mais de reprodução de conteúdos de acordo com as suas preferências entre plataformas e a interação com pares e especialistas para divulgarem os trabalhos desenvolvidos sem uma grande preocupação de gestão de contactos ou de privacidade.

Também White (2008) refere duas perspetivas da representação do "eu" no espaço digital – visitante e residente. O visitante é aquele que vai criando identidades diferentes, de forma a não se ligar a nenhuma identidade concreta enquanto o residente, pelo contrário, sente a necessidade e o desejo de construir uma identidade sólida e consistente, estabelecendo, através dela, bases para uma rede de "*contactos de prestígio*". Através desta rede, o indivíduo revela a soma das suas experiências, as suas competências e capacidades, a forma de comunicar, interagir e partilhar no espaço online.

Para Williams, Fleming, & Parslow (2010) o conceito de Identidade Digital deriva das práticas que os indivíduos têm vindo a desenvolver na rede, sendo um elemento importante, por ser o reflexo da trajetória da vida de um investigador. A identidade digital, assim como a personalidade, estão em permanente mudança e são espelhadas nos ambientes em que os investigadores coexistem online, seja naqueles em que existe acesso permanente, naqueles em que o acesso é muito esporádico ou mesmo naqueles em que simplesmente se criou um perfil para ver e testar a sua utilidade tanto a nível particular, profissional ou académico, constituindo uma Identidade Digital fragmentada, composta por diversos serviços e redes espalhadas pela Web.

Tavares (2010) no estudo sobre a construção da *Persona Digital* refere dois tipos de identidade: *persona-produtor* e *persona-leitor*. A autora utiliza o termo *persona* para se referir ao indivíduo utilizando a alegoria da máscara utilizada pelos atores gregos no teatro, que servia para identificar o personagem interpretado, sendo um adereço essencial para o artista quando estava em cena. Assim, na realidade da web, Tavares (2010) compara a realidade grega com a vivência no espaço digital, em que cada investigador coloca a sua “máscara” consoante a rede social ou aplicativo da Web 2.0 em que está presente. *Persona-produtor* é a representação daquele que constrói conteúdos na e para a web, sendo o próprio a definir a sua identidade, isto é, se pretende que a sua identidade seja semelhante à sua identidade real ou se pretende criar uma identidade falsa, com dados falseados. Consoante o elevado número de partilhas dos seus conteúdos aumenta a sua popularidade, logo passa a ser mais conhecido. É um método também utilizado por algumas redes sociais de investigação atribuindo uma maior cotação ao investigador pela sua rede de contactos ou pelos textos publicados nessa rede social. Quantas mais visualizações, quantos mais downloads, quantas mais perguntas que se coloque aos outros elementos da rede, maior será a sua cotação enquanto investigador. Por isso é normal que o investigador 2.0 crie a sua identidade digital consoante os seus interesses. Tavares (2010) refere-se ao *persona-leitor* como aquele que pode criar identidades falsas só com a perspectiva de visitante com o intuito unicamente de visualizar a informação que circula nas redes sociais ou aplicativos da Web 2.0. A autora alerta para a possibilidade da divergência da identidade digital ser muito grande em comparação com identidade real. Esta situação é um elemento desfavorável no campo social, pelo facto de criar de forma idealizada e distorcida o seu próprio “*eu digital*”. Na rede a construção de diversas personalidades surge, por vezes, dos interesses divergentes que podem surgir em cada rede social ou comunidades virtuais em que se encontra registado.

A Identidade Digital permite a construção de relações de confiança e contribui também para uma reputação. A persistência em manter a sua credibilidade é uma

das características fundamentais para se obter uma reputação relevante (Warburton, 2010).

Costa & Torres (2011) destacam duas grandes áreas em que se centra a Identidade Digital: a *apresentação* e a *reputação*. Na primeira os autores referem que a Identidade Digital lida com a forma como o indivíduo mostra a sua prática online, como pode participar e interagir em espaços partilhados, isto é, qual o perfil que assume na sua presença online. A segunda centra-se na perspetiva que os outros têm do indivíduo, ou seja, o que os outros pensam sobre o seu “*eu*”. Os autores propõem uma análise da identidade digital na perspetiva aberta ou fechada, singular ou múltipla, genuína ou falsa, para se perceber as mudanças que possam surgir na identidade dos investigadores. Com uma identidade menos ativa existe um maior conforto por parte do investigador, por não se ter que expor. Se tiver maior atividade há uma maior exposição, mas também lhe é permitida uma maior interatividade com os outros investigadores.

Nos dias de hoje, consideramos que a internet já permite construir ou modelar os dois tipos de identidade – a individual e a coletiva. As redes sociais são um espaço onde essa realidade está mais presente e onde a linha que separa o bem e o mal é muito ténue. A mudança que se produz no indivíduo que vive numa sociedade em rede inicia-se pela alteração da sua identidade real, havendo efeitos que se repercutem na sua identidade digital.

A adaptação e mudança da identidade depende do acesso, da forma como se está presente e do interesse suscitado pelo mundo digital. Dito de outra forma, quando se pretende associar a identidade digital à real o comportamento é o mesmo online e na realidade, ou seja, no dia a dia. Ao invés, quando se pretende passar despercebido online, cria-se uma identidade falsa ou que não mostre a totalidade da identidade.

A duplicidade de perfis ou a criação de perfis consoante a personalidade que se pretende demonstrar é algo muito comum na web desde os tempos da sua origem como é o caso das salas de conversação. O ambiente digital é propício a essa

duplicidade e os motivos para criar um perfil falso são diversos consoante o contexto em que estão inseridos os utilizadores. Esta realidade faz parte da vida real e é um aspeto do comportamento humano na sua forma de se relacionar com os outros.

Identidade em rede

A identidade de cada investigador numa determinada rede é o fazer parte de uma comunidade composta por diversas identidades, que denominamos de "identidade em rede" a qual age de forma colaborativa com os outros indivíduos. Uma comunidade, que é composta por diversos investigadores, é estruturada pelo sentimento de pertença e solidariedade recíproca (Oliveira & Morgado, 2014, 2017; Passarelli, Ribeiro, Oliveira, & Mealha, 2014).

A identidade de cada investigador é um aspeto favorável à sua inclusão desde que se proporcione empatia, partilha e cooperação. Todo o investigador que sente pertença a uma comunidade através de uma rede, partilha os seus conteúdos, analisa e critica os conteúdos dos outros, partilha conteúdos de outros investigadores, e por fim, cria debate para aprofundar os seus conhecimentos. Estas redes identitárias surgem das identidades fortes que os investigadores têm e como afirma Levy (2002) são "*identidades culturais múltiplas*", que são o fator primário para a criação de redes capazes de gerar dinâmicas socioculturais, beneficiando das potencialidades da Web 2.0 e redes sociais.

A rede converte-se num ambiente idóneo para a procura e o encontro de outros especialistas e investigadores, privilegiando as conexões entre eles. É um ambiente que estrutura as ligações (fortes, fracas e intermédias) entre os investigadores e que permite o desenvolvimento de projetos de cooperação, criando os investigadores uma identidade em rede. Entenda-se, assim, a identidade em rede como a identidade que o investigador cria para partilhar os seus conteúdos com os restantes investigadores, formando uma identificação com essa rede específica. Cada investigador poderá pertencer a mais do que uma rede de conhecimento

pelos seus interesses académicos. A partilha e a colaboração na rede é feita através dos seus interesses e necessidades momentâneas, isto por as necessidades ou interesses do investigador poderem alterar-se ao longo do tempo, o que fará com que o investigador esteja mais presente ou mais ausente da rede. Assim, a sua identidade na rede pode alterar-se de uma perspectiva forte, para fraca ou intermédia, ou vice-versa, consoante a sua interação na rede.

Estas redes funcionam como uma sinergia entre a parte informal e a formal da vida de uma investigação e de um investigador. A sinergia é vivida mais nas partilhas feitas nas redes sociais, sejam elas de âmbito social (Facebook, twitter) ou de âmbito académico (Researchgate, Academia.edu, LinkedIn).

Metodologia e Resultados

No estudo sobre a identidade de uma comunidade de investigadores juniores integrados num contexto universitário aplicou-se um questionário com o objetivo de conhecer a importância da identidade digital para um investigador júnior.

Quando inquiridos relativamente aos *dados disponibilizados ou preenchidos na criação de perfil como investigador*, os resultados evidenciam que o nome real constitui o único elemento que obteve respostas entre o *Sempre* ou *Quase sempre*, o que revela constituir um procedimento estabelecido como prática destes indivíduos. Acresce ainda, que constituí também aquele que obteve o valor médio de utilização elevada, seguido do *uso do correio eletrónico pessoal* com uma utilização média moderada. Nesta análise é interessante considerar também, os elementos com uma utilização média reduzida entre os indivíduos desta comunidade quando *preenchem o seu perfil*: disponibilização da sua foto pessoal ou avatar, a disponibilização do endereço do *Skype*, a indicação do estado civil, a indicação das contas nas redes sociais *Facebook* e *Twitter*, e por ainda, a indicação do contacto telefónico.

Conclui-se assim que os principais dados que os membros desta comunidade de investigadores juniores disponibilizam quando efetuam os registos em espaços digitais da Web 2.0 e Web social é o seu nome real e por vezes o correio eletrónico pessoal. Estes resultados quando comparados com aqueles obtidos em investigações similares (Tavares, 2010), apontam para a existência de alguma concordância, apesar de o indicador com menor concordância ser a partilha de foto pessoal. De acordo com Tavares (2010), tendencialmente os investigadores associam à sua identidade os seguintes elementos fundamentais pessoais o real, a foto e o correio eletrónico institucional, já que constituem os dados habitualmente pedidos no registo quer das redes sociais académicas ou nas plataformas de instituições de investigação nacionais e internacionais (FCT, ORCID, etc.).

A quase totalidade dos respondentes (à exceção de um) afirmou que disponibilizam os dados biográficos reais quando procedem ao registo na Web 2.0 e Web social com fins académicos, corroborando que a presença digital de um investigador na Web social deve pautar-se por uma identidade digital verdadeira e o mais próxima da sua identidade real (Aresta et al., 2013; Oliveira & Morgado, 2015a, 2017). Quando questionados sobre a importância da identidade digital coincidir com a identidade real a maioria situou-se entre o *Sempre e Quase sempre*, justificando as suas respostas com os comentários relacionados por exemplo, com as questões de credibilidade do indivíduo (*"credibilidade enquanto investigador e nas partilhas que faz"* *"a facilidade de identificar o investigador"*; *"marketing pessoal"*; *"permite manter relações honestas e fidedignas"*), valor da partilha (*"pela utilidade nas partilhas e comunicações efetuadas"*), interações na Rede Pessoal de Aprendizagem (*"permite, uma maior facilidade na criação de contactos com outros investigadores"*; *"utilidade profissional"*).

Os resultados obtidos estão em conformidade com os referidos na literatura relativa à construção de uma identidade digital por parte de um investigador, quer na validação do seu perfil, quer ainda, quanto a estratégias de divulgação dos conteúdos contruídos por si, e também, na criação de perfis na Web social e interação com outros investigadores nos espaços onde possui perfil. Nesta linha

encontramos os trabalhos de Amichai-Hamburger, Zhao, Grasmuck e Martin (2008); Coiro, Knobel, Lankshear e Leu, (2008); Greenhow e Robelia (2009); Costa e Torres (2011); Aresta, Pedro, Santos e Moreira (2013); Esposito, (2013b, 2017) e Oliveira e Morgado (2014, 2015a, 2017).

Relativamente à questão da prática de *separação ou não do perfil pessoal e académico*, os resultados apontam para a existência de práticas heterogéneas e diversificadas. Recorde-se que no questionário apenas 6 respondentes de 39 é que assumiram que possuem essa prática, ou seja, a definição de perfil claramente separado entre o mundo académico/profissional e pessoal. Assim, a tendência das práticas registadas nesta comunidade de investigadores em formação, não segue a tendência referida na literatura onde se descreve que os investigadores tendem a diferenciar o seu perfil académico do perfil pessoal, criando perfis distintos na mesma rede ou, criando perfis nas redes em função dos objetivos pretendidos. Esta tendência foi também verificada por Esposito (2013a, 2017) e fundamenta-se na criação duma identidade em transição, ou seja, ainda com *práticas, nem digitais nem abertas* (Esposito, 2013a), não tendo ainda desenvolvido a *persona* investigador da era digital no sentido dado também por Wheeler (2013) e Cardoso, Morgado e Teixeira (2015). Num outro contexto de uma comunidade de práticas registou as mesmas tendências o estudo de Figueiredo Rodrigues (2014) com uma identidade digital com práticas mais marcadas pela presença como *visitante* ou *não-residente* (White, 2008; White & Cornu, 2011).

De realçar com estes resultados obtidos neste estudo, que os referidos investigadores consideram que a Identidade Digital é um elemento fundamental nos dias de hoje para um investigador júnior.

Conclusão

A imersão dos investigadores em ambientes digitais promoveu e sustentou o desenvolvimento de novas práticas na investigação, criando pedagogias abertas com evidência para a interação online por parte de todos os que se encontram a

fazer pesquisa científica. Estes novos desafios lançados aos investigadores, numa vivência social e académica, fez com que houvesse uma maior abertura para a diversidade de interações no mundo digital da investigação.

A importância da identidade digital para um investigador júnior passa pelas competências que ele é chamado a demonstrar num mundo digital no âmbito da investigação. Neste sentido, foram referidos os passos essenciais para a construção de uma Identidade Digital por parte do investigador: i) autenticação que permite a validação da identidade do próprio no sistema digital; ii) conteúdo que é partilhado pelo investigador com a sua rede através dos meios digitais que lhe permitem comunicar e interagir com os outros; iii) presença que é validada pela partilha e divulgação dos conteúdos publicados; iv) criação de perfis na web social; e por fim, v) participação de cada elemento nos espaços online onde tem um perfil. Este processo permite ao investigador escolher quem ele quer ser, como quer ser visto e com quem quer interagir academicamente, sem limites de normas e comportamentos impostos pela sociedade.

As características da Web 2.0 e das redes sociais disponibilizam aos investigadores uma série de ferramentas que oferecem a possibilidade de interação com os outros investigadores e permitem realizar uma produção colaborativa de conteúdos de forma inovadora, impulsionando uma inovação científica e tecnológica, dando, por conseguinte, ao investigador novas competências.

Em suma, poderemos afirmar que os investigadores juniores se preocupam com a construção de uma identidade digital associada ao seu perfil académico, em que a utilização das redes sociais em investigação consiste na partilha dos conteúdos desenvolvidos e na colaboração e cooperação com outros investigadores. Sendo a presença nas redes sociais académicas por parte dos investigadores uma preocupação constante e é nessa presença que se estabelece a partilha de artigos publicados e se cria uma reputação enquanto investigador júnior.

Referências

- Alvesson, M., Lee Ashcraft, K., & Thomas, R. (2008). Identity Matters: Reflections on the Construction of Identity Scholarship in Organization Studies. *Organization, 15*(1), 5–28. doi:10.1177/1350508407084426
- Amichai-Hamburger, Y., Zhao, S., Grasmuck, S., & Martin, J. (2008). Identity construction on Facebook: Digital empowerment in anchored relationships. *Computers in Human Behavior, 24*(5), 1816–1836. Retrieved from <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563208000204>
- Aresta, M., Pedro, L., Santos, C., & Moreira, A. (2013, January 1). Online Identity Analysis Model: *International Journal of Knowledge Society Research, 4*(3), 89–102. doi:10.4018/ijksr.2013070108
- Aresta, M. S. L. (2013). *A construção da identidade em ambientes digitais: estudo de caso sobre a construção da identidade online no Sapo Campus e em ambientes informais. Dissertação de Doutoramento.* Universidade de Aveiro, Portugal. Retrieved from <http://ria.ua.pt/handle/10773/10441>
- Aresta, M. S. L., Pedro, L., Santos, C., & Moreira, A. (2013). A construção da presença em ambientes digitais: oportunidade e desafio para alunos e instituições. In *Challenges 2013: Aprender a qualquer hora e em qualquer lugar, learning anytime anywhere.* Braga.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi* (11ª Edição). Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor.
- Brown, J. (2002). Growing up Digital. *USDLA Journal, 16*(2). Retrieved from http://www.usdla.org/html/journal/FEB02_Issue/article01.html
- Cardoso, P., Morgado, L., & Teixeira, A. (2015). OER, Open Access and Scholarship in Portuguese Higher Education. In *EDEN 2015 Annual Conference, Expanding Learning Scenarios.*
- Castells, M. (1999). *O poder da Identidade* (Volume II). São Paulo: Paz e Terra.
- Coiro, J., Knobel, M., Lankshear, C., & Leu, D. J. (2008). Central issues in new literacies and new literacies research. Lawrence Erlbaum Associates, Taylor & Francis Group. Retrieved from http://researchonline.jcu.edu.au/7369/2/7369_Coiro_etal_2008.pdf
- Costa, C. (2010). Lifelong learning in Web 2.0 environments. *International Journal of Technology Enhanced Learning, 2*(3), 275–284. doi:10.1504/IJTEL.2010.033582
- Costa, C., Keegan, H., & Attwell, G. (2009). Cartoon planet: Micro-reflection through digital cartoons - a case study on teaching and learning with young people. *Romanian Journal of Pedagogy, 7*(9), 112–128. Retrieved from http://usir.salford.ac.uk/19280/1/ICONET_EDULEARN_COSTA.pdf

- Costa, C., & Torres, R. (2011, April). To be or not to be, the importance of Digital Identity in the networked society. *Educação, Formação & Tecnologias - ISSN 1646-933X*, pp. 47–53. Retrieved from <http://eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/216>
- Esposito, A. (2013a). Neither digital or open. Just researchers: Views on digital/open scholarship practices in an Italian university. *First Monday*, 18(1). Retrieved from <http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/3881/3404>
- Esposito, A. (2013b). The Impact of Social Media on Scholarly Practices in Higher Education: Online Engagement and ICTs Appropriation in Senior, Young, and Doctoral Researchers. In B. Pătruț, M. Pătruț, & C. Cmeciu (Eds.), *Social Media and the New Academic Environment* (IGI Global, pp. 342–367). Hershey, PA: IGI Global. doi:10.4018/978-1-4666-2851-9
- Esposito, A. (2017). Self-Organizing the Scholarly Practices: How the PhD Researchers Use Web 2.0 and Social Media. In A. Esposito (Ed.), *Research 2.0 and the Impact of Digital Technologies on Scholarly Inquiry* (pp. 144–166). Hershey, PA: IGI Global. doi:10.4018/978-1-5225-0830-4.ch008
- Figueiredo Rodrigues, L. M. (2014). *Os catequistas da arquidiocese de Braga aprendem na rede : análise das práticas digitais*. Universidade Aberta.
- Greenhow, C., & Robelia, B. (2009). Informal learning and identity formation in online social networks. *Learning, Media and Technology*, 34(2), 119–140. doi:10.1080/17439880902923580
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. TupyKurumin. Retrieved from <https://books.google.com/books?id=4TcuzSIYB9cC&pgis=1>
- Kligiené, S. N. (2012). Digital Footprints in the Context of Professional Ethics. *Informatics in Education*, 11(1), 65–79. Retrieved from <http://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1064289.pdf>
- Lévy, P. (2002). *Cyberdemocratie*. Paris: Odile Jacob.
- Mercer, K. (1990). Identity and diversity in postmodern politics. In J. Rutherford (Ed.), *Identity: community, culture, difference*. Lawrence & Wishart. Retrieved from <https://books.google.com/books?hl=pt-PT&id=P27aAAAAMAAJ&pgis=1>
- Milgram, S. (1967). The small world problem. *Psychology Today*, 1(1), 61–67. Retrieved from <http://snap.stanford.edu/class/cs224w-readings/milgram67smallworld.pdf>
- Morgado, L. (2011). The networked class. In C. Wankel (Ed.), *Cutting-edge Technologies in Higher Education. Educating Educators with Social Media*. (Vol. 1, pp. 135–152). Bingley: Emerald Group Publishing. doi:10.1108/S2044-9968(2011)0000001009

- Mota, J. C. (2009). *Da Web 2.0 ao E-learning 2.0: aprender na rede*. UNiversidade Aberta. Retrieved from <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1381>
- Oliveira, N. R., & Morgado, L. (2014). Digital Identity of researchers and their Personal Learning Network. In P. Zaphiris & A. Ioannou (Eds.), *Learning and Collaboration Technologies. Technology-Rich Environments for Learning and Collaboration* (pp. 467–477). Switzerland: Springer. doi:10.1007/978-3-319-07485-6
- Oliveira, N. R., & Morgado, L. (2015a). Digital Identity and Personal Learning Networks (PLN) in a PhD Researchers Community. In A. M. Teixeira, A. Szűcs, & L. Mázár (Eds.), *Expanding Learning Scenarios – EDEN Annual Conference Proceedings* (pp. 625–634). Barcelona, Spain: European Distance and E-Learning Network. Retrieved from http://www.eden-online.org/sites/default/files/Book of Abstracts_EDEN 2015 Annual Conference_Barcelona.pdf
- Oliveira, N. R., & Morgado, L. (2015b). Personal Learning Networks as Emerging Environments in a Researchers' Community. In A. Mesquita & P. Peres (Eds.), *Proceedings of the 2nd European Conference on Social Media 2015: ECSM 2015* (pp. 528–533). Porto: Academic Conferences Limited. Retrieved from <https://books.google.com/books?id=VDU7CgAAQBAJ&pgis=1>
- Oliveira, N. R., & Morgado, L. (2017). Digital Identity of Researchers 2.0: The Case of Their Personal Learning Network. In A. Esposito (Ed.), *Research 2.0 and the Impact of Digital Technologies on Scholarly Inquiry* (Vol. 15, pp. 270–289). Hershey, PA: IGI Global. doi:10.4018/978-1-5225-0830-4.ch014
- Passarelli, B., Ribeiro, F., Oliveira, L., & Mealha, O. (2014). Identidade conceitual e cruzamentos disciplinares. *E-Infocomunicação: Estratégias E Aplicações*, (JANUARY 2014), 79–121. doi:10.13140/RG.2.1.4677.0085
- Rodrigues, M., & Beefun, H. (2012, December 2). A aprendizagem social, via web 2.0, na educação e formação. *Actas Do II Congresso Internacional TIC E Educação*, pp. 1052–1058. Lisboa. Retrieved from <http://ticeduca.ie.ul.pt/atas/pdf/221.pdf>
- Tavares, J. L. (2010). A Construção do Persona Digital : Nova Identidade Assumida pelos Integrantes da Web 2.0. *Biblioteca Online de Ciências Da Comunicação*. Retrieved from <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-tavares-judy.pdf>
- Warburton, S. (2010). *Digital identity matters*. *Journal of the American Society for Information Science and Technology* (Vol. 56). London: King's College London. doi:10.1002/asi.20112
- Weller, M. (2011). The Digital Scholar: How Technology Is Transforming Scholarly Practice. *Booksgooglecom*, (September), 200. Retrieved from